

## ***MEMÓRIA E CONTRA-MEMÓRIA DA FRENTE NEGRA BRASILEIRA***

TERESA MALATIAN<sup>1</sup>

Neste trabalho propõe-se analisar procedimentos memorialísticos e historiográficos em torno da Frente Negra Brasileira (FNB), fundada em São Paulo em 1931 e com abrangência nacional até seu fechamento em 1937. Trata-se da mais relevante associação negra do período e foi alvo de disputas políticas pela sua direção, notadamente entre Arlindo Veiga dos Santos e José Correia Leite, representantes de correntes políticas antagônicas.

Parte-se da premissa de que memória e História entrelaçam-se mutuamente e quando o campo político é altamente disputado, ensejam apagamentos, silêncios, exclusões a que correspondem enaltecimentos, destinados sobretudo a dissolver essas divergências. Além do jornal *A Voz da Raça*, outros documentos permitem a análise a contrapelo da historiografia hegemônica em torno de biografias específicas ou diluídas em diversas obras referidas ao tema. As mutações do gênero biográfico são reconhecidamente referidas a contextos históricos e no caso de lideranças negras, acompanham a trajetória do próprio movimento a que se referem, solicitando do historiador um olhar sobre as diversas tendências em debate em torno da “velha guarda fretenegrina”, seja no momento da militância na entidade na década de 1930, seja posteriormente, quando a Frente Negra foi extinta. Ao renascer, o movimento negro pós-Estado Novo procedeu à releitura desse passado e com ele construiu ícones, apagou ou execrou lideranças e propostas em seu esforço didático e de militância, que foi feito buscando a recuperação de personagens -símbolo afinados com as novas bandeiras construídas no campo hegemônico das esquerdas.

A intenção é matizar as interpretações e os empreendimentos memorialísticos a fim de recuperar a riqueza dos debates que se fizeram na história do movimento e se consolidaram na construção da História de uma associação de vitalidade ímpar no Brasil. Ao tomar a imprensa como base desse percurso, não será esquecido o papel do jornal *O Clarim d'Alvorada*, considerando-se que ele foi o precursor de *A Voz da Raça* e com esta publicação estabeleceu diálogos e confrontos.

---

<sup>1</sup> UNESP/Franca, Titular em Historiografia. Agência financiadora FAPESP, processo 2016/20111-0

### **Um projeto de nação**

Nascido em 1902, numa humilde família, Arlindo José da Veiga dos Santos estudou à custa de grandes sacrifícios até tornar-se professor, jornalista e literato. Protegido pelo mecenato da Igreja, conseguiu cursar a Faculdade de Filosofia e Letras de São Paulo (antiga Faculdade São Bento) e ali obter o grau de bacharel em Filosofia e Letras em 1926. Nessa época integrou um núcleo de amigades intelectuais que se ramificaram em diversos locais de sociabilidade católica. Filiado à Congregação Mariana da Igreja de Santa Ifigênia em São Paulo, integrou o Centro de Estudos Marianos "D. José de Camargo Barros" da paróquia, voltado para discussões sobre política e cultura.

No final da década de 1920 o movimento mariano estava em ascensão no país, atendendo à diretriz do Vaticano no sentido de expansão do Catolicismo, como reação à secularização das instituições. Visava criar uma nova cristandade mobilizando o laicato, ao qual fora atribuída a missão de complementar a ação do clero. A Faculdade de Filosofia e Letras de São Paulo, de atuação relevante na formação da intelectualidade católica durante a Primeira República, atendia à estratégia da Igreja de utilizar o ensino superior para sua expansão. Fundada em 1908 e filiada à Universidade de Louvain em 1911, a precursora Faculdade de Filosofia de São Bento inseriu-se no movimento de recuperação e atualização da filosofia de Santo Tomás de Aquino, iniciada por Leão XIII com a encíclica *Aeterni Patris* (1879) e que resultou no movimento de releitura do tomismo em busca de respostas ao "mundo moderno", ao qual o neotomismo opunha uma visão do mundo que fundamentava uma proposta política alternativa ao liberalismo, ao anarquismo, ao socialismo e ao comunismo. O retorno à filosofia tomista ocorreu no sentido de resposta às questões enfrentadas pelo Catolicismo no final do século XIX: a origem e a legitimidade do poder, a melhor forma de governo, as relações entre Igreja e Estado, o estatuto do trabalho. Sobretudo, ao revigorar uma visão de mundo medieval, a Santa Sé procurou, no recurso à tradição tomista, uma filosofia que servisse à fé sem confrontar a ciência.

Com tais premissas, o projeto de uma *Pátria-Nova* foi gestado em um grupo de intelectuais católicos inseridos nessa cultura política, entre eles Veiga dos Santos. Sua proposta antiliberal defendia a instalação de uma monarquia corporativista, como única saída para a "desordem" republicana. Compartilharam o profundo descrédito em relação à República

juntamente com dissidência oligárquica reunida no Partido Democrático, com as lideranças tenentistas e com setores das classes média, porém ao contrário da maioria dos descontentes, consideravam falido o próprio liberalismo. Em consequência recusavam as propostas de reforma política que pretendiam sanear a ordem liberal mediante instituição do voto secreto, da independência dos poderes e da moralização das práticas eleitorais. Buscavam através de uma proposta autoritária uma saída para o que consideravam degeneração nacional, inserindo-se no debate político ao lado dos que, desde o início dos anos 1920, defendiam formas antidemocráticas de governo e condicionavam a solução dos problemas políticos à implantação de um Estado antiliberal. Nesse contexto, a criação em 1928 do Centro Monarquista de Cultura Social e Política Pátria-Nova visou, por meio de proposta nacionalista autoritária, responder à "desordem" das rebeliões tenentistas, do movimento operário, da fundação do Partido Comunista, do Modernismo, do domínio oligárquico, mediante um governo forte, capaz de impedir a "excessiva" liberdade. Inspirado pelas encíclicas *Rerum Novarum* e *Quadragesimo Anno* propôs a recatolização da sociedade em defesa da "ordem" e da "justiça social".

O nome Pátria-Nova originou-se do Integralismo Lusitano, movimento reconhecido pelos "neo-monarquistas" como modelo. Iniciado em 1913, visava criar em Portugal adesão à proposta católica, nacionalista e antiliberal de instauração de uma monarquia orgânica, tradicionalista e antiparlamentar. No movimento monarquista brasileiro, o termo Pátria-Nova traduziu a preocupação com a busca de uma nova nação, a qual seria paradoxalmente construída com base na tradição. Entre as obras de Veiga dos Santos sobre este projeto político encontram-se *Contra a corrente*, *Para a Ordem Nova*, *As raízes históricas do Patrianovismo*, *Orgânica Patrianovista*, *Sentimentos da Fé e do Império*, *Ideias que marcham no silêncio*. Perante os demais movimentos políticos autoritários da época, a originalidade do Patrianovismo residia principalmente na proposta de instauração da monarquia corporativa, baseada no pressuposto de ser o Brasil "Pátria Imperial", cujos problemas não poderiam ser resolvidos pela República "dissolvente, antinacional e separatista". Seus adeptos não constituíram um partido político por dois motivos. Um deles, a orientação dada pelo cardeal D. Sebastião Leme à Igreja no Brasil bloqueava aos católicos qualquer iniciativa nesse sentido por abrir a possibilidade de divisão entre os católicos. Apesar de preocupado com os rumos da contestação política e com a "questão social" no final da década de 1920, o cardeal optou pela

estratégia da recuperar espaços mediante atuação dos intelectuais e de movimentos leigos. Igualmente problemática era a criação de um partido monarquista dados os empecilhos legais. Inicialmente constituíram um centro de estudos que elaborou um programa logo divulgado pela revista *Pátria-Nova*, lançada em 1929 e que dinamizou o trabalho de propaganda, mantendo-o, porém, restrito aos meios intelectualizados. A estratégia patrianovista consistia em arregimentar pessoas com certo nível cultural que atuassem no próprio meio em que viviam. Definiu-se, assim, a *Pátria-Nova* como movimento político que optou pela cátedra como local privilegiado para empreender a cruzada pelo Brasil católico e monárquico, cuja emergência deveria ocorrer por meio de uma "revolução branca".

O movimento patrianovista passou por diversas modificações. Extremamente instável e flutuante, sujeito a cisões e a arregimentações efêmeras, atingiu, no entanto, dimensões que ultrapassaram os limites geográficos do seu núcleo inicial e mais ativo, o de São Paulo, que persistiu até 1972 e teve como principal articulador Veiga dos Santos. Entre 1932 e 1937, quando atingiu sua maior dimensão, persistiu em seu projeto inicial de movimento criador de uma "mentalidade nova", que recrutava militantes capazes de difundir o programa e de criar, nos locais onde atuavam. Nessa estratégia se inclui a atuação de Veiga dos Santos junto à FNB, da qual foi fundador e dirigente.

### **A Frente Negra Brasileira**

Fundada em 1931 na cidade de São Paulo, a FNB reuniu milhares de associados, com o objetivo da defesa dos direitos sociais e políticos dos negros, além de sua "elevação moral, intelectual, artística, técnica, profissional e física; assistência, proteção e defesa social, jurídica e econômica e do trabalho". Fruto da miséria, da segregação, do preconceito, a FNB foi gestada em meio à crise econômica de 1929-30. Nela, Veiga dos Santos ocupou a presidência até 1934, e além dos estatutos, produziu manifestos e artigos publicados em *A Voz da Raça*, o órgão oficial da entidade.

Desde a fundação do jornal *O Clarim* por Jaime Aguiar e José Correia Leite em 1924, germinava um projeto de fundação de uma entidade agregadora de todas as associações negras já existentes na cidade de São Paulo. A criação do Centro Cívico Palmares inseriu-se nesse projeto, mas sua falência em 1929 motivou o projeto de um Congresso da Mocidade Negra de São Paulo, para reunir lideranças em torno de uma ação integracionista e de reivindicação de

direitos civis. Jornalistas, diretores de associações recreativas e lideranças diversas se mobilizaram para angariar fundos e Arlindo estava bastante envolvido nesta mobilização. As desconfianças, as rivalidades e o temor de uma ação segregacionista que isolasse ainda mais os negros impediu porém sua realização.

Em 1931, Arlindo publicou um artigo de lançamento da FNB no jornal *O Clarim d'Alvorada*, provavelmente uma sistematização de discussões que vinham sendo feitas. Naquele momento, José Correia Leite (1900-1989), da direção do jornal, integrava o grupo e estavam reservados a ele os cargos de membro do Conselho e diretor de redação da nova entidade. No entanto, já na votação dos estatutos, as divergências explodiram. Não se pode minimizar o fato de que a Frente ao aglutinar lideranças e movimentos diversos, era heterogênea quanto às orientações políticas, portanto uma frente ampla, conforme o depoimento autobiográfico de Correia Leite colhido por Cuti esclarece (LEITE, 1992).

A reunião de fundação com a votação dos estatutos ocorreu em São Paulo, no Salão das Classes Laboriosas, próximo à Praça da Sé, em 1931. Dela participaram Alberto Orlando, Francisco da Costa Santos, David Soares, Horácio Arruda, Vitor de Sousa, João Francisco de Araújo, Alfredo Eugenio da Silva, Oscar de Barros Leite, Roque Antonio dos Santos, Gervásio de Moraes, Cantídio Alexandre, José Benedito Ferraz, Leopoldo de Oliveira, Jorge Rafael, Constantino Nóbrega, Lindolfo Claudino, Ari Cananéa da Silva, Messias Marques do Nascimento, Raul Joviano do Amaral e Justiniano Costa.

Outros patrianovistas negros também atuaram no meio fretenegrino: Isaltino Veiga dos Santos, irmão de Arlindo, que ocupou o cargo de secretário e Salathiel Campos, redator do *Correio Paulistano*. O empenho desses ativistas direcionava-se para obter a direção da Frente Negra e nela implementar ações para resolver a "questão social" segundo o projeto católico de hegemonia na sociedade brasileira. A convergência entre a Frente Negra e a Pátria-Nova localizava-se no 3<sup>o</sup> ponto do programa patrianovista:

*Pátria e Raça Brasileira - afirmação da Pátria Imperial Brasileira: sua valorização espiritual (religiosa, intelectual e moral), física, econômica. Afirmação da raça brasileira em todos os seus elementos tradicionais e novos-integrados (filhos de estrangeiros). Solução séria e definitiva do problema negro-índio- sertanejo. Formação e valorização física, intelectual e religiosa-moral nacionalista da Raça Brasileira. Definição da situação do estrangeiro dentro do Império instaurado.*

*Reação contra todas as formas do IMPERIALISMO ESTRANGEIRO no Brasil*  
(PROGRAMA DO PATRIANOVISMO, 1932).

Esse discurso correspondia ao enunciado fretenegrismo que afirmava ser o negro credor de uma nova abolição e de uma situação semelhante à do imigrante, sobretudo o italiano, considerado seu rival: "Cessem, por conseguinte, os mitos, e simultaneamente o *excessivos louvores* aos estrangeiros de ontem, italianos e companhia, e faça-se justiça ao Negro" (SANTOS, 1932).

O discurso realçava as espoliações e injustiças a que estavam sujeitos os negros. Nesse sentido, o objetivo da Frente Negra, no início dos anos trinta, consistia em superar sua desvalorização no mercado de trabalho urbano, integrando-os à economia industrial em formação. Ao mesmo tempo em que o negro se tornava operário, a direção dada pelo grupo patrianovista ao movimento fretenegrino era a de contestar as relações capitalistas de produção porém combatia as propostas de esquerda. A hostilidade ao estrangeiro, manipulada contra os imigrantes, implicava a revolta contra a "política estrangeirista ou semi-estrangeirista que marcou o ominoso domínio do PRP", responsabilizado pela imigração em grande escala. Neste sentido, a crítica ao sistema político direcionou-se para o descrédito da República, para responsabilizá-la pela situação dos negros. O II Império foi absolvido da responsabilidade pela escravidão e elegeram-se os "primitivos tempos do Brasil" e o momento da organização constitucional do I Império como responsáveis pela manutenção do cativeiro. No intuito de preservar a imagem do Império o discurso procurava convencer seu público de que nesse período fora solucionado o problema da escravidão, sem que houvesse oportunidade para ser concluída a obra emancipadora. Restou ao regime republicano o ônus de "dar atenção unicamente às questões econômicas imediatas e ao favorecimento irracional das imigrações 'arianas' para substituir o negro que era nossa mão-de-obra desprezada" (SANTOS, 1932).

Com esse encaminhamento, Veiga dos Santos estabeleceu uma ponte entre o antirrepublicaníssimo da Pátria-Nova e a oposição à oligarquia, à qual era atribuída a marginalização dos negros. Explorou o júbilo com que foi recebida por eles a Revolução de 1930 - esperança de derrocada das famílias tradicionalmente detentoras do mando - e a decepção que a ela se seguiu, na medida em que foram frustradas as expectativas de melhoria de suas condições de vida. Neste sentido, é interessante lembrar que as simpatias monarquistas

do movimento negro possuem raízes no próprio momento da abolição, que consagrou a princesa Isabel como protetora dos escravos e construiu uma representação positiva do Império.

Vários depoimentos ressaltaram a importância da Frente Negra no início da década de 1930, como campo de atuação pessoal de Veiga dos Santos, a despeito de não contar com a aprovação de todos os dirigentes do Centro Monarquista. Naquela entidade houve uma tentativa de implantar uma organização vertical, semelhante à da Pátria-Nova, que compreendia uma chefia dotada de largos poderes, assistida por um Conselho. Porém a entidade já surgiu dividida pela disputa de hegemonia entre os patrianovistas e o grupo do *Clarim d'Alvorada*, o qual identificava a Pátria-Nova com o fascismo e contestava a liderança de Veiga dos Santos, como ficou registrado em relato autobiográfico de Correia Leite:

*Logo na elaboração do estatutos, os quais deram à organização um caráter nitidamente fascista, surgiram as primeiras divergências, afastando-se nessa ocasião alguns elementos (entre os quais Alberto Orlando). A identificação da orientação da Frente com os demais com os demais direitistas fica bem evidenciada através do fato - ocorrido mais tarde, quando da realização do primeiro Congresso da Ação Integralista - de haver o Dr. Arlindo Veiga dos Santos feito um discurso no qual hipotecava a solidariedade da Frente e seus 200 mil negros [sic]. O grupo do Clarim, percebendo desde já a intenção dos irmãos Veiga dos Santos, de fazer dos demais elementos simples caudatários de seus ideais, assumiu uma atitude vigilante e independente em relação aos acontecimentos. Apareceram nesse momento os primeiros sintomas de divergência logo depois manifestada entre a direção da Frente Negra e do grupo do Clarim (MOREIRA e LEITE, 1964:16-18).*

O relato de Correia Leite sobre a fase de planejamento da entidade dá conta de uma divergência de fundo sobre posições políticas inconciliáveis, que já vinha minando sua participação do grupo fundador, e se acirrou logo no momento de sua oficialização. Porém ele não conseguiu adeptos em número suficiente para permanecer na entidade, que se encaminhava para a constituição de um bloco monolítico do ponto de vista da orientação política. É o que diz em seu depoimento:

*Quando nós chegamos ao Palacete Santa Helena, fomos barrados. Não deixaram a gente entrar e os estatutos foram aprovados. Eu era membro do conselho e mesmo assim não me deixaram entrar, porque sabiam que eu ia denunciar aquela coisa do Arlindo Veiga dos Santos estar usando a Frente Negra pra veicular as ideias monarquistas do patrianovismo dele. Eu fui consignado para participar do conselho da Frente Negra antes da aprovação dos estatutos. De modo que quando houve a*

*assembleia para a provação, aí que iam formar legalmente o conselho, que já tinha sido escolhido antes. Quando aprovaram os estatutos, com apenas dez artigos, comecei a pensar na minha demissão (LEITE, 1992: 94).*

Derrotado, o grupo de Correia Leite se retraiu e 50 anos depois, Leite ainda se lembrava do embate que calou fundo para si e seu grupo que mantinha *O Clarim d'Alvorada*. Nesse momento partilhava dos ideais socialistas e ou comunistas, é difícil esclarecer. Ele próprio não o afirma, embora deixe pistas sugestivas e se defina sempre pela oposição ao fascismo e sobretudo à atuação de Arlindo na liderança ou chefia, como assinalou:

*Nós do grupo d'O Clarim d'Alvorada no dia que foram aprovados os estatutos finais, íamos combater porque não concordávamos com as ideias de Veiga dos Santos (Arlindo). Era um estatuto copiado do fascismo italiano. Pior é que tinha um conselho de 40 membros e o presidente desse conselho era absoluto. A direção executiva só podia fazer as coisas com ordem desse conselho. O presidente do conselho era Arlindo Veiga dos Santos, o absoluto (LEITE, 1992: 94).*

A proibição do acesso do grupo de Leite à votação dos estatutos é reveladora da luta que se travava entre correntes políticas opostas pela direção do movimento, bem como o evidente uso da força para aprovar com tranquilidade a proposta de Arlindo, reconhecido pelo oponente como vitorioso na luta política naquele momento. Mas o ajuste de contas persistiria por alguns anos ainda e nem mesmo o tempo apagou seu relevo. Infelizmente a versão do campo oposto não foi registrada com tanta minúcias e apenas mereceria de Arlindo referências veladas. Somente por meio de outros documentos especialmente pelos jornais negros é possível acessá-la, indício de um movimento de ocultação da memória desses embates. Um dos testemunhos do campo patrianovista foi o de Salathiel Campos, redator do *Correio Paulistano*. Em sua avaliação a Frente Negra era vulnerável ao socialismo e ao comunismo, portanto, espaço propício à atuação patrianovista:

*A partir de 14-18, começou a efervescência dos negócios de ismos (socialismo, comunismo). Frequentei reuniões da U.T.G. [União dos trabalhadores Gráficos] ,onde se embaralhava a revolta do negro com reivindicações do proletariado. Nas nossas rodas de conversas apareciam negros e brancos envolvidos nas teorias marxistas. Estes diziam que a posição verdadeira do homem negro era lutar contra a ordem social, pois a culpada da situação era a exploração do regime capitalista (MOREIRA e LEITE, 1964:2).*

Explicou assim o empenho dos patrianovistas para obter a orientação da Frente Negra e com isso atuar segundo o projeto católico de hegemonia na sociedade brasileira.



Divididos em facções, os fretenegrinos digladiaram-se numa luta intramuros, que constitui o fio condutor da construção da memória e da história do movimento, mesmo tendo fracassado a tentativa de cooptação da FNB pela Ação Integralista Brasileira, cuja extensão permanece desconhecida a não ser por relatos esparsos<sup>2</sup>. O desgaste mais visível da liderança patrianovista pode ser verificado no fracasso da candidatura de Veiga dos Santos a deputado constituinte de 1933. Os estatutos da Frente previam a participação da entidade no processo político institucional como grupo organizado, visando preencher cargos de representação, o que convinha a Veiga dos Santos já que lhe era impossível candidatar-se às eleições como membro da AIPB. A escassa votação por ele alcançada não deixa dúvidas quanto à perda de liderança e ao fracasso da tentativa patrianovista de conduzir esse movimento e portanto, de mobilização popular. No entanto, sua militância teve continuidade mesmo após essa crise, uma vez que continuou colaborando com o jornal *A Voz da Raça* e atuando como consultor jurídico após sua demissão do cargo de presidente em 1934, quando o grupo de Correia Leite tornou-se hegemônico e os patrianovistas foram derrotados na história e na memória.

A entidade que havia se tornado a maior e mais combativa organização de negros da Primeira República e do período pós 1930, chegando a organizar-se como partido político em 1936 terminou sua existência quando o Estado Novo impôs o fim dos partidos políticos e dos movimentos de arregimentação política. Suas lutas pela integração do negro num projeto de nação em plano de igualdade haviam se mantido ao longo dos anos 1931-1937 e nelas Veiga dos Santos esteve presente mesmo quando perdeu a liderança do movimento, Seu ideal pode ser sintetizado no *Manifesto à Gente Negra Brasileira*:

*Uni-vos! Uni-vos negros! Uni-vos todos. Deus está conosco! Uni-vos, pela elevação moral, intelectual e econômica da Raça! Pela Dignidade da Mulher Negra! Pela dignidade e progresso do trabalhador negro! Pela afirmação política da Gente Brasileira na Constituinte quando vier e depois da Constituinte quando vier! Pelo Brasil de nossos Avós!*

Os estatutos anunciavam no artigo 1.º que a FNB visava à “união política e social da Gente Negra Nacional, para afirmação dos direitos históricos da mesma, em virtude as sua atividade material e moral no passado e para reivindicação de seus direitos sociais e

---

<sup>2</sup> O jornal *A Platéia* de 16 de novembro de 1932 relata uma reunião na sede da Frente Negra em Santos, à qual compareceu Plínio Salgado, no artigo *Ação Integralista Brasileira em Santos*.

políticos, atuais, na Comunhão Brasileira”. A meta seria alcançada mediante "elevação moral, intelectual, artística, técnica, profissional e física; assistência, proteção e defesa social, jurídica e econômica e do trabalho da Gente Negra"<sup>3</sup>.

Em perspectiva integracionista, o projeto propunha desenvolver em âmbito nacional estratégias que resultassem em mudança da situação de seus filiados e dos demais negros na sociedade brasileira, em movimento renovador de que a FNB seria a vanguarda. O ideal de Veiga dos Santos de formação do homem integralmente, em todos os aspectos de sua personalidade, transparece na ênfase colocada nas ações que viriam a ser desenvolvidas pela educação, pela prestação de serviços, pelas atividades culturais, pelo suporte jurídico aos seus associados.

O projeto apostólico inaciano assimilado pelos irmãos Santos moldava uma pedagogia amparada pelas atividades culturais, de presença inegável nas atividades que ali foram desenvolvidas, com grande ênfase na conduta moral de seus associados, no combate ao alcoolismo e à prostituição, além do incentivo ao trabalho. A educação era a peça-chave desta arquitetura, pois a ela foi atribuído o papel de passaporte para uma nova situação dos filiados, tarefa que competia ao Estado e aos pais prover. Os cursos de alfabetização correspondiam aos anseios dos associados e eram muito procurados até mesmo pelos não filiados. O trabalho educativo era feito de forma que os alunos das primeiras letras acabavam por se manter dentro da associação após a conclusão do curso e até mesmo trabalhavam como professores alfabetizadores ou em outros cursos, de formação social e formação política (FERREIRA: 2011: 7).

Os direitos sociais ali reivindicados podem ser identificados como trabalho, educação e igualdade de tratamento. O contexto era favorável a essas reivindicações que ultrapassavam a denúncia do preconceito existente no convívio social mas insistia em seus resultados, pois miséria, segregação e desigualdade de oportunidades, haviam se agravado com a crise econômica de 1929-1930 e faziam com que os negros se tornassem mais expostos ao desemprego.

---

<sup>3</sup> *Estatutos da Frente Negra Brasileira*. São Paulo, 02/12/1932. Os Estatutos foram publicados no Diário Oficial e registrados em cartório em quatro novembro 1931.

Já os direitos políticos são claramente definidos no artigo 4.o dos estatutos, que previa a organização da Frente como “força política organizada” para pleitear “dentro da ordem legal instituída no Brasil, os cargos eletivos de representação da Gente Negra Brasileira, efetivando a sua ação político-social em sentido rigorosamente brasileiro”. Nesse sentido, a educação e especialmente a alfabetização forneceria o passaporte ao título de eleitor que viabilizaria a participação política.

A liderança carismática construída por Arlindo atraía adeptos que nele depositavam esperanças de uma nova sociedade, como registrou Hardy Silva, em três novembro de 1931, dias antes da reunião de fundação da FNB em uma carta-manifesto de grande valor pela condensação dos ideais inspiradores da criação da Frente Negra, pelo testemunho dos duros embates que se travavam e por ser emblemática da inflamada oratória militante no movimento negro na época:

*Veiga Santos!*

*Ainda uma vez, meus abraços!*

*Tu, assim jovem e forte, poderoso e saudável de espírito e grande e imenso nesse teu coração cheio de amor idealístico, serás, um dia que já vem próximo, o Magnânimo Redentor da opressão da raça negra, filha da nossa grande Pátria! (SILVA, Hardy, 1931).*

A carta traz também a denúncia das iniquidades correntes na sociedade como justificativa mais que suficiente para a ação que o grupo planejava:

*Essa raça, digna por todos os títulos, não pode continuar e não há de continuar proscrita da comunhão social como vem sendo desde séculos entre os irmãos nacionais!*

*Pelo livro, pelo jornal, pela tribuna, do púlpito, nos “meetings” da praça pública e se preciso for até mesmo em luta aberta, desçaímada e onímada contra o preconceito traiçoeiro e o erro opressor, é preciso que elevemos às posições de mando, ao professorado, aos institutos científicos esses pobres negros que hoje, enjeitados pelos educadores e órfãos da sã cultura, vivem por aí atirados aos milhões pelas tavernas e locais de vícios, sob o ridículo de adventícios que vieram desfrutar a Pátria que eles ajudaram a erguer com o preço do seu sangue generoso, do seu suor e das suas lágrimas! (Idem).*

Além de prestar fidelidade a Veiga dos Santos, a carta testemunha o conflito interno que dilacerava a associação e sinaliza um possível movimento de recuo de Arlindo da disputa pela condução da entidade. Hardy buscava dissuadi-lo dessa desistência:

*A Frente Negra é a tua ideia genial!*

*A ti, Veiga dos Santos, já não é mais lícito retroceder, e se o fizésseis pecarias contra Deus, contra a Fraternidade e sobretudo contra a Justiça e o Direito à Liberdade!*

*Eu confio na tua dignidade de jovem, no teu desinteresse de Herói que será capaz de dar até a vida por um Ideal elevado, são e inconfundivelmente superior como esse da “Frente Negra Brasileira”! (Idem).*

### **O projeto fretenegrino**

O projeto associacionista de Arlindo previa a instalação de uma estrutura de poder dentro da associação altamente verticalizada, na qual se lê sua formação segundo os valores da Companhia de Jesus recebidos nos bancos escolares e nas congregações marianas. Ademais, seu grupo abria espaço para uma forte influência das irmandades católicas negras na Frente Negra, cuja presença mais visível era a prática de transcrições de artigos de jornais católicos em *A Voz da Raça*.

A construção da estrutura de poder pelos estatutos traduz a visão de Veiga dos Santos da autoridade e do seu exercício. Conforme este documento, a direção caberia a um “Grande Conselho, soberano e responsável, constando de 20 membros, estabelecendo-se dentro dele o Chefe e o Secretário, sendo outros cargos necessários preenchidos a critério do Presidente. Este Conselho é ajudado em sua gestão pelo Conselho Auxiliar, formados pelos cabos distritais da capital” (ESTATUTOS, 1932, art. 6.o).

Resguardava-se a autoridade máxima e representação da entidade para seu presidente, cargo que foi exercido por Arlindo, enquanto o de secretário ficou com seu irmão Isaltino. Não havia remuneração para isso, contrapartida da gratuidade dos serviços prestados aos associados pela entidade, que deveriam porém contribuir mensalmente para a manutenção da Frente. O recolhimento dessas contribuições seria feito pelos “cabos” dos quais se exigia minuciosa prestação de contas ao Conselho; ameaças aos faltosos nessa tarefa eram constantemente lembradas como a “rocha Tarpéia” que resultava em execração pública e mesmo em expulsão da entidade, como salientavam ironicamente seus opositores.

O projeto era ambicioso, como foram ambiciosos os projetos de Arlindo e surgiu para constitui uma vanguarda de luta dentro da ordem, para obter mudanças graduais de fundo

capazes de produzir uma reviravolta , ou seja, uma revolução dentro da ordem. Também pretendia estender-se pelo território brasileiro, o que de fato foi alcançado.

O discurso político possuía conotações religiosas como a utilização de expressões depreciativas a exemplo de “Judas da raça negra”, reservado aos dissidentes. Na visão maniqueísta da vida e dos homens, a história consistiria no eterno combate entre as forças do bem e as forças do mal, entre os verdadeiros líderes – categoria na qual se auto incluía Arlindo - e os falsos profetas isto é a oposição. Além disso, artigos em *A Voz da Raça* valiam-se de títulos retirados de trechos da Bíblia.

A formação política vinculava-se ao departamento intelectual dirigido por Arlindo, e organizava palestras proferidas por membros e convidados externos. Havia as famosas domingueiras, que como o nome indica eram reuniões que ocorriam nas tardes de domingo e consistiam em declamação de poesias, encenação de peças teatrais, apresentação de bandas musicais , as chamadas regionais. De tal modo o associado era envolvido pelas atividades que muitos frequentavam a sede diariamente , após o trabalho, e não apenas aos domingos. Desenvolvia-se assim mediante esse *locus* de sociabilidade a construção de elos identitários.

A “elevação” dos negros era o objetivo explícito da FNB, porém não fica obscurecida sua adesão ao projeto católico de expansão da influência da religião na sociedade. Arlindo fora preparado para esta missão desde a adolescência e continuava a se manter nas falanges marianas que se dispunham a defender e propagar o Catolicismo no Brasil. O espírito militar das milícias jesuítas, rigidamente disciplinadas, baseava-se na obediência ao Papa e aos superiores hierárquicos (*perinde ac cadáver* – disciplinado como cadáver era a expressão que resumia o espírito disciplinador dessa sociabilidade católica) .

Não é difícil encontrar nessa vivência o amoldar-se de Arlindo e demais congregados marianos apegados à hierarquia, mas a Igreja formava nas paróquias esquadrões em ordem de batalha sob a autoridade e obediência dos párocos, devotados à Virgem Maria e prontos a desenvolver intensa atividade apostólica.

A repressão aos espetáculos teatrais e cinematográficos considerados obscenos, a preservação dos chamados bons costumes, a condenação dos livros e periódicos imputados como perversos e portanto inaceitáveis, a abertura de escolas gratuitas para crianças pobres, a presença na educação profissional de operários eram obras do apostolado mariano desenvolvidas no mundo externo. A formação pessoal era bastante exigente e disciplinadora,

conforme as regras que pregavam os exercícios espirituais de Santo Inácio de Loyola, a meditação diária das coisas divinas e exame de consciência, a frequência aos sacramentos, a submissão a um diretor espiritual, a consagração da pessoa à Virgem Maria e o propósito inabalável de busca da perfeição cristã. Hinos varonis, uso de bandeiras, de fitas, foram utilizados como estratégias para a construção da identidade coletiva e mobilizadoras da ação. Entre essas práticas houve a da identificação de seus filiados por meio de uma ficha onde eram registrados os dados pessoais, fotos de frente e perfil, residência, profissão, marcas e cicatrizes do frentista. Existiu tanto na gestão de Veiga dos Santos como na seguinte, de Justiniano Costa (BARBOSA, 1998: 53 e 103).

### **Batalhas pela memória continuam**

A participação de Veiga dos Santos na fundação e direção da FNB desperta até hoje reações que vão da perplexidade à crítica feroz e ao apagamento puro e simples de sua memória. Para Clóvis Moura, essa militância indica um “intelectual negro dividido” por ser contraditória. Ao mesmo tempo em que fundou e dirigiu a Pátria-Nova, articulou um projeto de integração do negro à sociedade, cuja relevância o autor de *Rebeliões da Senzala* reconhece, com a ressalva de não se tratar de um projeto de negritude e sim de um projeto nacionalista que tinha entre seus objetivos superar o racismo, condensado no lema Deus, Pátria, Raça . A questão é mais complexa do que esta análise sugere (MOURA, 1994).

Superada a hegemonia do grupo patrianovista na FNB, teve início a desconstrução da biografia de Arlindo e sua memória passou a ser apagada e/ou desqualificada. Os embates políticos na entidade e posteriormente no movimento negro levaram a esse procedimento historiográfico para atender aos objetivos da militância.

Um dos episódios desse percurso memorialístico está em *A Dialética Radical do negro* de Clóvis Moura, que ao abordar o aparecimento da imprensa negra , que circulou entre 1915 e 1963 inseriu-se nessas batalhas de memória que alcançaram Veiga dos Santos e sua liderança. Mesmo lamentando o esquecimento que pairou durante muito tempo sobre a imprensa negra, também procedeu por exclusão, ao abordar *O Clarim da Alvorada* e sobretudo *A voz da Raça* que aparecem como obra de Jaime de Aguiar e de outros escritores incluídos no genérico “todos aqueles que lideraram o movimento” (MOURA, 1994: 185-186).

Em outro tópico do mesmo livro intitulado “O intelectual negro dividido: Arlindo Veiga dos Santos” trata especificamente da atuação dessa liderança da FNB. A leitura feita por ele é de que se tratou de um monarquista, nacionalista, católico e elitista, que “procurava, através de um discurso étnico radical, expressar uma interioridade branca, elitista e conservadora” (MOURA: 1994: 193). A divisão encontrada por Moura na personalidade e na atuação de Arlindo era a de se tratar de um militante patrianovista e fretenegrino, pinçando de seus escritos os elementos para corroborar sua hipótese de distanciamento da negritude. A partir da leitura rápida de algumas obras de Veiga dos Santos - não teve acesso a outras fontes, aparentemente - concluiu que seu projeto de nação não apresentava uma proposta de negritude “mas uma proposta de formação de uma nação na qual o negro entraria como um dos componentes e se resguardaria, via valores nacionalistas, do racismo que se diluiria progressivamente, à medida que esses valores conservadores - catolicismo, monarquismo e autoritarismo - se afirmassem como valores politicamente dominantes”. Para Moura, isso seria sintoma da “penetração dos valores brancos na consciência do negro intelectual brasileiro. Se horizontalmente ele tem uma mensagem étnica de protesto, ou de contestação à situação do negro no Brasil, verticalmente reproduz os padrões e valões da civilização, da cultura e dos postulados religiosos, políticos e ideológicos dos brancos” (MOURA, 1994: 196). Mostra os distanciamentos e não as aproximações do universo das questões que pontuaram o surgimento e a trajetória da FNB.

## REFERÊNCIAS

- A Ação Integralista Brasileira em Santos. *A Platéia*, São Paulo, 16 novembro 1932.  
Carta de Hardy Silva a Arlindo Veiga dos Santos. São Paulo, três novembro 1931.  
ESTATUTOS DA FRENTE NEGRA BRASILEIRA. São Paulo, 1932.  
FERREIRA, Maria Cláudia Cardoso. “Espaços de sociabilidade e ações anti-racismo no cotidiano das elites negras na cidade de São Paulo: busca por projeção individual e legitimidade de grupo (1900-1940)”. *Mosaico*, n. 3, ano II. Disponível em [cpdoc.fgv.br/mosaico](http://cpdoc.fgv.br/mosaico). Acesso em 07/07/2011.  
LEITE, José Correia . ... *E disse o velho militante*: depoimentos e artigos colhidos por Cuti (Luiz Silva). São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, 1992.  
MOREIRA, Renato Jardim e LEITE, José Correia. “Movimentos sociais no meio negro”. In: FERNANDES, Florestan. *A integração do negro à sociedade de classes*. Rio de Janeiro: INEP/MEC, 1964, p. 2.  
MOURA , Clóvis. *A Dialética Radical do negro* . São Paulo: Anita, 1994 .  
OLIVEIRA, André Cortes de. *Quem é a “Gente Negra Nacional”?*? Dissertação de Mestrado, UNICAMP, Programa de Pós-Graduação em História, 2006.

PINTO, Regina Pahim. A Frente Negra Brasileira. *Cultura Vozes*, São Paulo, v.90, n. 4, 1996: 45-59.

PROGRAMA DO PATRIANOVISMO. São Paulo, 1932.

RESULTADOS ELEITORAIS. *O Estado de São Paulo*, 15 maio 1933 a 31 janeiro 1935.

SANTOS, Arlindo Veiga dos. *Contra a Corrente*. São Paulo: Ed. Pátria-Nova, 1931.

\_\_\_\_\_. *Manifesto à Gente Negra Brasileira*. São Paulo, 1932.

\_\_\_\_\_. *Para a Ordem Nova*. São Paulo: Ed. Pátria-Nova, 1933.

\_\_\_\_\_. *As raízes históricas do Patrianovismo*. São Paulo: Ed. Pátria-Nova, 1946.

\_\_\_\_\_. *Sentimentos da fé e do Império*. São Paulo: Ed. Pátria-Nova, 1962.

\_\_\_\_\_. *Orgânica Patrianovista* ( em colaboração). São Paulo: Ed. Pátria-Nova, 1950.

\_\_\_\_\_. *Ideias que marcham no silêncio* . São Paulo, 1962.